

Pe. Osvaldo Chaves, um pioneiro no domínio da ciganologia

JOSÉ ROGÉRIO FONTENELE BESSA*

Muitas e variadas são as facetas que compõem a capacidade intelectual desta figura de escol do clero sobralense. De seus recursos e de sua eficiência como professor – tanto no Colégio Sobralense quanto no Seminário de Sobral, bem assim na Faculdade de Filosofia Dom José – dão testemunho ex-alunos, alguns dos quais são hoje conceituados homens de letras. Tem amplo reconhecimento na Princesa do Norte o cabedal de conhecimentos que conseguiu, ao longo da vida, acumular mediante o estudo continuado e perseverante de várias línguas, entre as quais se destacam as clássicas.

Do mencionado contexto geográfico para todo o Nordeste e outras regiões do Ceará projeta-se a fama de sua vasta cultura humanística e a do manifesto talento poético, que, durante muito tempo, ele preferiu ocultar. Por força de sua interpelação pessoal do poeta, o Pe. Sadoc de Araújo afirma na Apresentação de *Exíguas*; poesias (Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986. 199p.) o que se segue:

Pouco a pouco nas sucessivas investidas, tive a alegria de observar que as resistências começavam a ceder à força da evidência, pois as obras dos grandes talentos são patrimônio da comunidade.

Recentemente, para surpresa e contentamento meus, o poeta me entrega os originais de “*Exíguas*”, em forma de livro, para que eu o apresente ao público. *Enfin Malherbe vint...*

*Professor Doutor (aposentado) da Universidade Federal do Ceará.

O entusiasmo do apresentador de *Exíguas* é tanto que ele, na orelha da obra, ventila a possibilidade de Osvaldo Chaves¹ "estar ao lado de José Albano, como os seus dois maiores artífices do verso". Embora nos confessemos cético referentemente a esta possibilidade, perguntamo-nos se o Pe. F. Sadoc de Araújo não teria razão, sempre que, por exemplo, lemos e relemos, de Osvaldo Chaves, o poema intitulado "Canção de Rilke à pobreza verdadeira", que termina com o efeito surpresa destes versos:

Casa pobre.
Pobre
Como a pobreza quente dum estábulo,
Contudo,
Noites há em que essa casa é tudo.
E todas as estrelas saem dela.

Mas não queremos, aqui e agora, ratificar esta possibilidade. Desejamos apenas manifestar a opinião de que a maioria dos poemas compreendidos em *Exíguas* nos causou ótima impressão.

Há, contudo, uma faceta que talvez não seja do conhecimento de pessoas residentes e domiciliadas na Princesa do Norte e alhures. Relevemos, pois, esta faceta, que se resume a um pendor quase natural e automático do sacerdote para a pesquisa lingüística. Como sabemos ser ele um homem dedicado e afeito ao estudo de línguas nas horas vagas, não nos causou surpresa o fato de sabê-lo atento a acontecimentos à sua volta nos já distantes anos 60 do século passado. Na época, costumavam passar grupos de ciganos por Sobral, cidade que já acolhera tantas vezes os membros da Comunidade Cigana hoje assentados em três bairros seus, denominados Sumaré, Alto Novo e Pantanal. Em 1962, precisamente, estive, em Sobral, um grupo de ciganos, que, ao que indicam as evidências lingüísticas que apreciaremos brevemente, mais adiante, pertencia ao sub-ramo Kaldarash, este filiado, entre outros, ao Vlach, um dos quatro ramos em que se divide a Língua Romani, conforme Halwachs (2002:3). Foi, então, a campo, movido pela extrema curiosidade lingüística o nosso pesquisador.

Abordou o grupo e deste coletou mediante anotação a lápis em pequena folha de papel correspondente à metade de uma folha de papel A4, duas séries de dados sob a forma de lista, antecedidas de importante registro gramatical e seguidas de uma expressão de tempo, que assinala provavelmente o término da ligeira entrevista de campo.

Começamos pelo registro gramatical, que, para o pesquisador como estudioso das línguas clássicas e, para os lingüistas em geral, se reveste de uma importância muito particular. O *Romani*, a exemplo do Grego, do Latim e do Sânscrito, é língua casual (i. é: de casos). A declinação dos nomes substantivos no dialeto pesquisado ainda compreendia, na época, seis casos, como evidencia esta anotação de nosso pesquisador:

Nominativo: *Deula* = 'Deus' (suj.); Acusativo: *Deule* = 'Deus' (obj. dir.);

Genitivo: *Deulesco* = 'de Deus'; Vocativo: *Deula* = '(ó) Deus';

Dativo: *Deuleski* = 'para Deus'; Ablativo: *Deulessa* = 'com Deus'.

Ainda hoje, muitos dialetos ciganos europeus preservam este sistema de seis casos morfológicos, havendo alguns que possuem sistemas mais complexos. O Romanes ou Romanês, o dialeto dos Sintos, os ciganos que vivem na Alemanha, possui, conforme Holzinger (1995:8), os casos tradicionais acima mencionados e, adicionalmente, um 'instrumental' e outro 'preposicional', que, segundo ele, "em descrições tradicionais, (...) é frequentemente referido como *locativo* ou *direcional*". Contudo, a flexão casual inexistente em vários dialetos, entre os quais cumpre salientar os da Península Ibérica e o Egípciano, que é o dialeto conservado pelos membros mais velhos da Comunidade Cigana de Sobral.

Feita esta pequena digressão, passemos, agora, às séries de dados sob a forma de lista, esclarecendo que a primeira (Lista A), com exceção das combinações sintagmáticas *doveri vetchi* 'boa noite' e *me vatharau*, 'eu falo', é composta de adjetivos, pronomes, substantivos e expressões, e a segunda (Lista B), exclusivamente de numerais cardinais. Eis, portanto, os dados a serem observados, analisados e comparados com os de outros registros éditos.

LISTA A de objetivos, pronomes, substantivos e expressões		LISTA B de numerais e cardinais	
<i>Baró</i>	grande	<i>Jeki</i>	um
<i>Love</i>	dinheiro	<i>Dui</i>	dois
<i>Gras</i>	cavalo	<i>Trin</i>	três
<i>Laxó</i>	bom	<i>Star</i>	quatro
<i>Oriveri</i>	revólver	<i>Panaessh</i>	cinco
<i>Doveri vetchi</i>	boa noite	<i>Xou</i>	seis
<i>Dobroito</i>	bom dia	<i>Eftá</i>	sete
<i>Tchuri</i>	faca	<i>Okto</i>	oito
<i>Tchoriza</i>	pouco	<i>Inia</i>	nove
<i>Déio</i>	mãe	<i>Desh</i>	dez
<i>Dode</i>	pai	<i>Bis</i>	vinte
<i>Me vatharau</i>	eu falo	<i>Tranda</i>	trinta
<i>Romaiko</i>	cigano	<i>Starvardesh</i>	quarenta
<i>Tchêbe</i>	língua	<i>Pinda</i>	cinquenta
<i>Prala</i>	irmão	<i>Had baró</i>	cem
<i>Murei</i>	meu	<i>Parnom</i>	mil
<i>Pen</i>	irmã		
<i>Tsara</i>	barraca		

O registro acima reproduzido é admirável e impressionante pela precisão e adequação da representação gráfica numa notação comum e usual que, sem querer, mas querendo admitir possíveis diferenças fonéticas interdialectais, coincide com a adotada em registros anteriores e posteriores. Notamos, contudo, que, enquanto Chaves (1962) prefere usar a letra 'x' para simbolizar a palatal, outros pesquisadores optaram por 'ch' (v.g.: *Laxó*, 'bom', Chaves (1962); *Lachôn*, Moraes Filho (1886); e *Lachô*, Abelin (1996)). Lembremos, de passagem, que a forma sobrevivente no Dialeto Egíptano é a consignada em Moraes Filho (1886). Este trabalho é, aliás, o primeiro, o pioneiro, dos estudos lingüísticos ciganos produzidos e publicados no domínio lusofônico.

Notemos, a título comparativo, que, dos termos coletados por Chaves (1962), só se encontram sete em Moraes Filho (1886), como variantes verdadeiramente, ora fonéticas, ora lexicais, nunca como variantes puramente gráficas, a saber: *grai*, 'cavalo'; *lachôn*, 'bom'; *churin*, 'faca'; *dai/bata*, 'mãe'; *bato*, 'pai'; *chibe*, 'língua'; e *plá*, 'irmão'. Também em Coelho (1892) só se registram, coincidente e curiosamente, sete termos, dos quais um concorda com o registro feito em 1962, senão vejamos: *baró*, 'grande' (registro concordante); *parnauparné*, 'dinheiro'; *grai*, 'cavalo'; *churi/chori*, 'faca'; *dai/bata*, 'mãe'; *bato*, 'pai'; e *plar*, 'irmão'.

Em Abelin (1996), no entanto, consignam-se designações para quase todos os conceitos que serviram a Osvaldo Chaves como ponto de partida de sua coleta em 1962. Para sermos mais preciso, só não se encontram no trabalho desta pesquisadora cigana as designações para os conceitos de ‘pouco’ e ‘cinquenta’. Apreciemos, pois, as tabelas abaixo, nas quais, para uma devida e conseqüente análise comparativa, procedemos à exposição das designações coletadas pelo sacerdote e daquelas registradas pela pesquisadora.

LISTA A de objetivos, pronomes, substantivos e expressões - CHAVES (1962)		Formas correspondentes noutro estudo dialetal - ABELIN (1996)
<i>Baró</i>	grande	<i>Baró grande (líder)</i>
<i>Love</i>	dinheiro	<i>Lovê: lov</i>
<i>Gras</i>	cavalo	<i>Grás</i>
<i>Laxó</i>	bom	<i>Lachô</i>
<i>Oriveri</i>	revólver	<i>Lourel-iagalô</i>
<i>Doveri vetchi</i>	boa noite	<i>Mai lachi quirí riat</i>
<i>Dobroito</i>	bom dia	<i>Guies lachô; dobroito</i>
<i>Tchuri</i>	faca	<i>Shuri</i>
<i>Tchoriza</i>	pouco	-
<i>Déio</i>	mãe	<i>Dei; dále</i>
<i>Dode</i>	pai	<i>Dád</i>
<i>Me vatharau</i>	eu falo	<i>Del duma-mothzô</i>
<i>Romaiko</i>	cigano	<i>Rom</i>
<i>Tchêbe</i>	língua	<i>Shibá; shib</i>
<i>Prala</i>	irmão	<i>Phral</i>
<i>Murei</i>	meu	<i>Murhô</i>
<i>Pen</i>	irmã	<i>Phral</i>
<i>Tsara</i>	barraca	<i>Tzhêra</i>

LISTA B de numerais cardinais - CHAVES (1962)		Formas correspondentes em ABELIN (1996)
<i>Jeki</i>	um	<i>Yek</i>
<i>Dui</i>	dois	<i>Duy</i>
<i>Trin</i>	três	<i>Trin</i>
<i>Star</i>	quatro	<i>Star</i>
<i>Panaessh</i>	cinco	<i>Paenj</i>
<i>Xou</i>	seis	<i>Show: shov</i>
<i>Eftá</i>	sete	<i>Eftá</i>
<i>Okto</i>	oito	<i>Orhthô</i>
<i>Inia</i>	nove	<i>Ighá</i>
<i>Desh</i>	dez	<i>Desh</i>
<i>Bis</i>	vinte	<i>Bish</i>
<i>Tranda</i>	trinta	<i>Tranda</i>
<i>Starvardesh</i>	quarenta	<i>Stharvardesh</i>
<i>Pinda</i>	cinquenta	-
<i>Had baró</i>	cem	<i>Yekshel</i>
<i>Parnom</i>	mil	<i>Yekmia</i>

Observemos aí as correspondências perfeitas como as que se verificam, por exemplo, entre as designações do conceito de 'cavalos' e dos números de 'um' a 'sete', 'dez', 'trinta' e 'quarenta'. São estas correspondências, entre outras, que nos fazem supor serem do sub-ramo Kaldarash os ciganos que, passando por Sobral em 1962, foram entrevistados pelo sacerdote pesquisador.² Notemos, adicionalmente, as correspondências quase perfeitas como aquelas em que a ligeira diferença é manifestada por simples troca de vogal ou de africada alveopalatal por fricativa palatal: *baró* / *barô*, 'grande'; e *tchuri* / *shuri*, 'faca', respectivamente.

Abelin, segundo ela mesma afirma em sua biografia, é cigana, jornalista e fonoaudióloga. "Leciona jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, estado do Paraná." O seu trabalho constitui um breve registro descritivo de origens e costumes, rituais, sorte, música e dança, palavras e expressões do dialeto dos ciganos Kaldarash do Brasil, seguido de um estudo comparativo em que se cotejam designações dos dialetos Calô (*sic*) e Romanês para conceitos expressos em Português. O Glossário publicado em Abelin (1996) é o mais copioso entre aqueles, até então, produzidos no Brasil. Estende-se em trinta e seis páginas, em cada uma das quais os diferentes termos se apresentam em duas colunas. Diante da escassez e precariedade geral dos estudos ciganos em domínio luso-brasileiro, cumpre-nos confessar que, embora passível de certas restrições – entre estas, a relativa falta de originalidade – a contribuição compreendida em Abelin (1996) nos tem sido de muita utilidade em nossas investigações.

Mas retornemos à coleta empreendida por Osvaldo Chaves em 1962. Esta, como já afirmamos, se encerra com uma expressão de tempo que assinala provavelmente o momento em que o pesquisador deu por concluída a entrevista. A expressão anotada é *Inia saturia te bis te panaesh minuturia*, que significa 'nove horas e vinte e cinco minutos'. Seguem-se a esta expressão a data (ano de 1962), o local (Sobral) e a assinatura.

O que muito impressiona na contribuição condensada em Chaves (1962) é a precisão do registro. Contudo, o que mais surpreende nesta e nas demais contribuições levadas a cabo ante-

riormente, das quais não teve conhecimento prévio o autor em epígrafe, é a coincidência parcial ou total da notação gráfica empregada para a representação do que os seus autores ouviram dos ciganos. Estes trabalhos, produzidos em épocas e lugares tão distintos, por pesquisadores não profissionais da área, isto é, por abnegados sem a devida preparação metodológica, merecem, graças às circunstâncias mencionadas e, sobretudo, às correspondências de notação gráfica, total e plena credibilidade.

Louvemos as contribuições que nos deixaram e, em particular, esta que se condensa, como já salientamos, na forma tão simples de um pedaço de papel que corresponde à metade de uma folha de papel A4. O pesquisador em tela é amigo dos membros da Comunidade Cigana de Sobral e, por seu intermédio, como testemunhamos em Bessa (1998/1999, p. 70), deu-se o acesso de pesquisadores da equipe do Projeto CCS (Projeto "Comunidade Cigana de Sobral") à referida comunidade. Louvemos o Pe. Osvaldo Chaves por esta ajuda, pela contribuição pioneira prestada, no Ceará, à ciganologia e por seus cinquenta anos de sacerdócio.

Notas

¹ O Padre Osvaldo Chaves, que, em 2001, completou cinquenta anos de sacerdócio, tendo sido, por este motivo, alvo de justa e significativa homenagem que lhe foi prestada, por meio de solenidade festiva e pequena miscelânea de artigos escritos por amigos, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), é natural de Granja, cidade que, a exemplo de Sobral, também se situa na região noroeste do estado do Ceará. Nasceu, precisamente, no dia 21 de outubro de 1923, "no Sítio Angelim, distrito de Sambaíba". Estudou no Ginásio Lívio Barreto em Granja em 1939, tendo, no ano subsequente, ingressado no Seminário Menor de Sobral. Em 1946, entrou para o Seminário Maior de Fortaleza, onde cursou Filosofia e Teologia. No dia 8 de dezembro de 1951, foi ordenado sacerdote por Dom José Tupinambá da Frota, havendo o fato ocorrido na Catedral de Sobral. Em 1956, foi vigário cooperador de Crateús, tendo sido transferido, no ano seguinte, para a paróquia de Acaraú e, em 1959, para a de São Benedito. A partir de junho de 1960, passou a residir, em definitivo, em Sobral, exercendo o magistério, como professor titular de Português e Literatura Luso-brasileira, na Faculdade de Filosofia Dom José. No que tange as atividades docentes, aposentou-se em 1981 e, somente em dezembro de 1985, permitiu a publicação do livro denominado *Exíguas*. Exerce ainda atividades sacerdotais.

² Outra prova de que os ciganos que passaram por Sobral, em 1962, pertenciam ao sub-ramo Kaldarash é o sufixo *-esko*, que Libal & Strain (1997, p. 6) definem como "terminação de caso possessivo", indicando, entre parênteses, o dialeto: possessive

case ending (Kaldarash). A denominação do dialeto em apreço se consubstancia, na literatura especializada, sob algumas variantes, duas das quais não são, ao que parece, meramente gráficas. Em Libal & Strain (1997), por exemplo, lê-se *Kalderash*, mas em Abelin (1996), *Kaldarash*.

Referências Bibliográficas

ABELIN (1996), Maria Rosa Wanovich Estevão. *Romanês: registro do dialeto cigano Kaldarash*. http://www.inbrapenet.com.br.gipsy_mrabelin@inbrapenet.com.br.

ARAÚJO (1986), Francisco Sadoc de, Pe. Apresentação. In: CHAVES, Osvaldo Carneiro, Pe. *Exíguas: poesias*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto.

BESSA (1998/1999), José Rogério Fontenele. A comunidade cigana de Sobral. *Essentia*, Revista de Cultura e Ciência da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 1 (1):69-72.

CHAVES (1986), Osvaldo Carneiro, Pe. *Exíguas; poesias*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto. 199 p.

COELHO (1892), Adolpho. *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o Calão*. Lisboa: Imprensa Nacional. 302 p. (2. ed. Pref. de Rosa Maria Perez. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. 291 p.).

HALWACHS (2002), Dieter W. *Burgenland-Romani*. With the collaboration of Gerd Ambrosch and others. Muenchen: Lincom Europa, 82 p. (Col. Languages of the world / Materials, 107).

HOLZINGER (1995), Daniel. *Romanes (Sinte)*. München [i.e.] Unterschleissheim; Newcastle: LINCOM Europa. 45 p. (Languages of the world / Materials, 105).

LIBAL, Ângela Batal and STRAIN, Will (1997). *Romani / English dictionary*. <http://www.geocities.com/SOHO/3698/rom.htm>

MORAES FILHO (1886), Mello. *Os ciganos no Brasil*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier. Há nova edição anotada por Luís da Câmara Cascudo (Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 118 p.).